

ANTONIN ARTAUD



OS TARAUMARAS

ANTONIN
ARTAUD

TRADUÇÃO DE OLIVIER DRAVET



SUMÁRIO

O RITO DO PEYOTL ENTRE OS TARAHUMARAS	7
DE UMA VIAGEM AO PAÍS DOS TARAHUMARAS	
A MONTANHA DOS SIGNOS	33
A DANÇA DO PEYOTL	39
CARTA A HENRI PARISOT	51
TUTUGURIG	53
O PAÍS DOS REIS-MAGOS ⁷	59
UMA RAÇA-PRINCÍPIO	65
O RITO DOS REIS DE ATLÂNTIDA	69
A RAÇA DOS HOMENS PERDIDOS	75
SUPLEMENTO À VIAGEM AO PAÍS DOS TARAHUMARAS	79
APÊNDICE	89
NOTA SOBRE O PEYOTL	91
O MÉXICO E A CIVILIZAÇÃO ¹²	93
TRÊS CONFERÊNCIAS PROFERIDAS NA UNIVERSIDADE DA CIDADE DO MÉXICO¹⁴	
SURREALISMO E REVOLUÇÃO	101
O HOMEM CONTRA O DESTINO	113
O TEATRO E OS DEUSES	123
ARTAUDICEIAS, POR ALEX GALENO	137



O RITO DO PEYOTL ENTRE OS TARAHUMARAS

Como eu já disse, foram os sacerdotes do Tutuguri que me abriram o caminho do Ciguri, assim como alguns dias antes o *Mestre de todas as coisas* me havia aberto o caminho do Tutuguri. – O *Mestre de todas as coisas* é aquele que comanda as relações externas entre os homens: a amizade, a piedade, a esmola, a fidelidade, a devoção, a generosidade, o trabalho. Seu poder acaba no limiar do que compreendemos aqui na Europa como metafísica ou teologia, mas ele vai muito além no domínio da consciência interna do que aquele de qualquer líder político europeu. Ninguém no México pode ser iniciado, ou seja, receber a unção dos sacerdotes do Sol e o golpe imersivo e reagregador daqueles do Ciguri, que é um rito de aniquilamento, se não for anteriormente tocado pela espada do velho chefe indígena que comanda a paz e a guerra, a Justiça, o Casamento e o Amor. Ao que parece, ele tem em mãos as forças que fazem com que os homens se amem e que os enlouquecem, enquanto os sacerdotes do Tutuguri erguem com suas bocas o Espírito que os produz e que os dispõe no Infinito onde a Alma deve colhê-los e reordená-los em seu eu. A ação dos sacerdotes do Sol envolve toda a alma e para nos limites do eu pessoal no qual o *Mestre de todas as coisas* vem colher sua repercussão. E foi aí que o velho chefe mexicano me golpeou a fim de abrir-me novamente a consciência, porque para compreender o Sol eu era malnascido; e é a ordem hierárquica das coisas que quer que após ter passado pelo TODO, ou seja o múltiplo, que é as coisas, nós voltemos à simplicidade do Um, que é o Tutuguri ou o Sol, para em seguida nos dissolver e ressuscitar por meio dessa operação de reassimilação misteriosa. Digo de reassimilação tenebrosa compreendida no Ciguri, como um Mito de recuperação,

em seguida de extermínio, e enfim de resolução na peneira da expropriação suprema, assim como não param de gritar e de afirmar seus sacerdotes em sua Dança da Noite toda. Pois ela ocupa a noite inteira, do poente à aurora, mas ela toma a noite toda e a colhe como colhemos o suco todo de uma fruta até a fonte da vida. E a extirpação de propriedades vai até deus e o ultrapassa; porque deus, e sobretudo deus, não pode tomar o que no eu é autenticamente si mesmo tão forte que este tenha a imbecilidade de abandonar-se.

Foi num domingo de manhã que o velho chefe indígena abriu-me a consciência com um golpe de espada entre o baço e o coração: “Tenha confiança, me disse, não tenha medo, eu não te farei mal algum”, e recuou rapidamente três ou quatro passos, e após descrever atrás de si, com o punho de sua espada, um círculo no ar, ele se precipitou em minha direção, para frente e com toda sua força, como se quisesse me exterminar. Mas a ponta da espada só me tocou a pele de raspão, fazendo escorrer uma pequena gota de sangue. – Eu não senti dor alguma, mas tive de fato a impressão de acordar para algo ao qual eu estava até ali malnascido e mal orientado, e me senti pleno de uma luz que eu nunca havia possuído. – Foi alguns dias mais tarde numa madrugada que eu encontrei com os sacerdotes do Tutuguri e dois dias depois finalmente pude chegar ao Ciguri.

“Te recoser na entidade sem Deus que te assimila e te produz como se te produzisses a ti mesmo, e como a ti mesmo no Vazio e contra ele, a cada instante, te produzes.”

São essas as palavras exatas do chefe indígena e eu me contento em reproduzi-las, não tais como ele as pronunciou, mas tais como eu as *reconstruí* sob o efeito das iluminações fantásticas de Ciguri.

Ora, se os Sacerdotes do Sol se comportam como manifestações da Palavra de Deus, ou de seu Verbo, ou seja de Jesus-

-cristo, os Sacerdotes do Peyotl me fizeram assistir ao próprio Mito do Mistério, mergulhar nos arcanos míticos originais, penetrar por meio destes no Mistério dos Mistérios, ver a figura das operações extremas pelas quais O HOMEM PAI, NEM HOMEM NEM MULHER criou todas as coisas. Decerto eu não aderi a tudo isso de uma só vez e precisei de algum tempo para entendê-lo, e vários gestos de dança, atitudes ou figuras, que os sacerdotes do Ciguri traçam no ar como se os impusessem às sombras ou tirassem-nos dos antros da noite, eles mesmos já não os compreendem, e se contentam em obedecer, através deles, a uma espécie de tradição física por um lado, e por outro aos mandamentos secretos que lhes dita o Peyotl do qual absorvem um extrato antes de começar a dançar a fim de entrar em transe por meio de métodos calculados. – Quero dizer que eles fazem o que a planta lhes manda fazer, mas que eles o repetem como uma espécie de lição à qual seus músculos obedecem, mas que eles não compreendem mais no descontrair de seus nervos, não mais do que seus pais ou do que os pais de seus pais. Porque também o papel de todo nervo é superestimado. Isso não me satisfaz e quando a Dança terminou eu quis saber mais. – Porque antes de assistir ao Rito do Ciguri, tal como os sacerdotes indígenas atuais o executam, eu havia interrogado vários tarahumaras da montanha e passado uma noite inteira com um jovem casal cujo marido era um adepto deste rito e conhecia, ao que parece, vários de seus segredos. – E dele eu recebi explicações maravilhosas e esclarecimentos extremamente precisos sobre a forma como o Peyotl ressuscita no trajeto inteiro do eu nervoso, a memória de tais verdades soberanas, através das quais a consciência humana, me foi dito, não mais perde, mas pelo contrário recupera a percepção do Infinito. “Em que consistem essas verdades, me disse o homem, não é meu papel te mostrar. Mas sou eu que devo fazê-las renascer no espírito de teu ser humano. – O

espírito do homem está farto de Deus, porque ele está mau e doente, e é nosso papel devolver-lhe a fome dele. Mas eis que agora o próprio Tempo nos nega essa possibilidade. – Nós te mostraremos amanhã o que ainda podemos fazer. E se você quiser trabalhar conosco, com a ajuda da Boa Vontade de um homem vindo do outro lado do mar e que não é da nossa Raça, talvez possamos quebrar mais uma Resistência.”

– CIGURI é um nome que os ouvidos indígenas não gostam nem um pouco de ouvir. Eu tinha comigo um guia mestiço que também me servia de intérprete dos tarahumaras e que me avisara para só falar-lhes dele com respeito e precaução, porque, me disse, *eles o temem*. – Ora, eu percebi que, se há um sentimento que possa lhes ser estrangeiro a respeito de Ciguri, é o medo, mas que, no entanto, a palavra desperta neles o sentimento do sagrado de uma forma que a consciência europeia já não conhece, e é este todo o seu infortúnio porque aqui o homem não respeita mais nada. E a série de atitudes que o jovem índio tomou diante de mim enquanto eu pronunciava a palavra CIGURI me ensinou muitas coisas sobre as possibilidades da consciência humana quando conserva o sentimento de Deus. Um terror, devo dizer, emanava de sua atitude, mas não era o seu porque ele o revestia como um escudo ou um casaco. Para si mesmo, ele parecia feliz como só somos durante os minutos supremos da existência, seu rosto transbordando de alegria e adorando. É assim que os Primogênitos de uma humanidade em gestação deviam se comportar quando o espírito do HOMEM INCRIADO se erguia em trovões e em chamas sobre o mundo eviscerado, é assim que deviam orar os esqueletos das catacumbas aos quais, é dito nos livros, o próprio HOMEM aparecia.

Ele juntou as mãos e seus olhos se iluminaram. Seu rosto se petrificou e se fechou. Mas quanto mais ele entrava em si mesmo mais eu tive a impressão de que uma emoção in-

sólita e que se podia ler irradiava objetivamente dele. – Ele se deslocou duas ou três vezes. E a cada vez seus olhos que tinham se tornado mais ou menos fixos se viraram isolando um ponto ao seu lado como se ele quisesse tomar consciência de uma coisa que se devesse temer. Mas eu percebi que o que ele temia dessa forma era de faltar por negligência com o respeito que devia a Deus. E constatei acima de tudo duas coisas: a primeira é que o índio tarahumara não dá ao seu corpo o valor que nós europeus lhe damos e que sua noção deste é inteiramente outra. – “Não sou eu de forma alguma, parece dizer, que sou este corpo”, – e quando ele se virava para olhar fixamente algo ao seu lado era seu próprio corpo que ele parecia perscrutar e vigiar. – “Onde eu sou eu e aquilo que sou, quem me diz e me dita é Ciguri, e tu mentes e tu desobedeces. O que eu sinto de verdade tu nunca queres sentir e tu me dás sensações contrárias. Tu não queres nada do que eu quero. E o que me propões na maior parte do tempo é o Mal. – Tu só foste para mim uma prova transitória e um fardo. Um dia eu te mandarei embora quando o próprio *Ciguri* será livre, mas, disse ele de repente, chorando, não haverás de ir embora por inteiro. – Foi *Ciguri* que te fez e várias vezes tu me serviste de abrigo contra a tempestade *porque Ciguri morreria se não tivesse a mim.*”

A segunda coisa que constatei em meio a essa prece – porque aquela série de deslocamentos perante a si próprio e como que ao seu lado, aos quais eu acabava de assistir e que aconteceram em muito menos tempo do que o tempo que eu tomei para relatá-los, eram a prece improvisada do índio diante da simples evocação da palavra *Ciguri*, – a segunda coisa que percebi foi que se o índio é um inimigo de seu próprio corpo ele parece além disso ter feito a Deus o sacrifício de sua consciência e que é o hábito do Peyotl que o orienta neste trabalho. Os sentimentos que irradiavam dele, que atravessavam

seu rosto um após o outro, e que líamos, *claramente não eram seus*; deles ele não se apropriava, não se identificava mais com o que para nós é uma emoção pessoal, ou melhor, não o fazia como nós, em função de uma escolha e de uma incubação fulgurante imediata como nós mesmos fazemos. – Em meio a todas as ideias que passam pelas nossas cabeças há aquelas que aceitamos e aquelas que não aceitamos. – No dia em que nosso eu e nossa consciência foram formados, estabeleceu-se nesse movimento de incubação incessante um ritmo distintivo e uma escolha natural, que fazem com que só nossas ideias próprias sobrenadam no campo da consciência, enquanto o resto se esvanece automaticamente. Talvez precisemos de tempo para talhar nossos sentimentos e deles isolar nossa própria figura, mas aquilo que pensamos das coisas em seus pontos principais é como o *totem* de uma gramática indiscutível que entoa seus termos palavra por palavra. E nosso eu quando interrogado reage sempre da mesma forma: como alguém que sabe que é ele que está respondendo e não um outro. Para o índio não é assim.

Nunca um europeu aceitaria pensar que aquilo que ele sentiu e percebeu em seu corpo, que a emoção que o afetou, que a ideia estranha que ele acabou de ter e que o entusiasmou por sua beleza não são seus, e que um outro sentiu e viveu tudo aquilo em seu próprio corpo, ou então ele se acharia louco e dele pensaríamos que se tornara um alienado. – O tarahumara pelo contrário distingue sistematicamente entre o que é dele e o que é do Outro em tudo aquilo que ele pensa, sente e produz. Mas a diferença entre um alienado e ele é que sua consciência pessoal foi aumentada nesse trabalho de separação e de distribuição interna, ao qual o Peyotl o levou, e que reforça sua força de vontade. – Se ele parece saber muito melhor o que ele não é do que o que ele é, no entanto ele sabe o que ele é e quem ele é muito melhor do que nós mesmos

sabemos o que somos e o que queremos. – “Há, diz ele, em todo homem um velho reflexo de Deus dentro do qual nós ainda podemos contemplar a imagem dessa força de infinito que um dia nos lançou em uma alma e esta alma em um corpo, e o Peyotl nos conduziu à imagem dessa Força porque Ciguri nos chama de volta para si.”

O que eu observava desse índio que não havia tomado Peyotl há tempos, mas que era um dos adeptos de seus Ritos, porque o Rito do Ciguri é o ápice da religião dos tarahumaras, me inspirou a maior vontade de ver de perto todos esses Ritos *e de conseguir participar deles*. – Aí se encontrava a dificuldade.

A amizade que esse jovem tarahumara, que não teve medo de se pôr a rezar a alguns passos de mim, me havia mostrado já era para mim uma garantia de que certas portas se abririam. E o que ele me havia dito sobre a ajuda que era esperada da minha parte me fez pensar que minha admissão nos Ritos do *Ciguri* dependia em parte das iniciativas que eu tomaria diante das resistências que os tarahumaras encontram atualmente perante o exercício de seus Ritos da parte do governo mestiço da Cidade do México. Mestiço, esse governo é pró-índio porque os que o detém são muito mais vermelhos do que brancos. Mas eles o são de forma desigual e seus mandatários nas montanhas¹ são quase completamente misturados. – E eles consideram como perigosas as crenças dos Velhos Mexicanos. – O governo atual do México fundou na montanha escolas indígenas nas quais é dada às crianças dos índios uma educação baseada na das escolas comunais francesas e o ministro do Ensino público do México, com quem o ministro da França me havia obtido um livre-trânsito, me acolheu

¹ N. do T. Os Tarahumaras vivem principalmente na cadeia montanhosa de *Sierra Madre Occidental*, na região da *Barranca del Cobre*. É a essa cadeia que Artaud se refere aqui.

num dos prédios da escola indígena dos tarahumaras. – Eu entrei então em relação com o diretor dessa escola, que tinha além disso o cargo de manter a ordem em toda a extensão do território tarahumara, e de quem dependia um pelotão de cavalaria. – Sem que medida alguma tivesse sido tomada a respeito, eu sabia que se falava em proibir a próxima festa do Peyotl que devia acontecer dali a algum tempo. Salvo a grande Festa Racial da qual participa todo o povo tarahumara e que acontece em data fixa como aqui nós temos o Natal, os tarahumaras têm ainda em torno do Peyotl um certo número de Ritos particulares. E eles haviam consentido em me mostrar um deles. Há ainda na religião dos tarahumaras outras festas, como aqui temos a Páscoa, a Ascensão, a Assunção e a Imaculada-Conceição, mas nem todas envolvem o Peyotl, e a Grande Festa do *Ciguri* só acontece, creio eu, uma vez ao ano. – É nela que ele é tomado de acordo com todos os ritos milenares tradicionais. Também se toma o Peyotl em outras festas, mas somente como um aditivo ocasional cuja força ou efeitos já não são mais nivelados. – Quando eu digo que se toma eu deveria dizer que se tomava, porque o governo do México faz o impossível para arrancar o Peyotl dos tarahumaras, e para impedi-los de se entregar à sua ação, e os soldados enviados à montanha receberam a missão de impedir seu cultivo. E eu encontrei os tarahumaras desesperados, quando cheguei à montanha, por conta da destruição recente de um campo de Peyotl pelos soldados da Cidade do México.

Tive a esse respeito uma longa conversa com o diretor da escola indígena na qual eu vivia. – A conversa foi animada, incômoda, em certos momentos repugnante. O diretor mestiço da escola indígena dos tarahumaras estava muito mais preocupado com seu sexo, do qual se servia todas as noites para possuir a professora da escola, mestiça como ele, seja de cultura ou de religião. Mas o governo da Cidade do México

tinha como base de seu programa o retorno à cultura indígena e o diretor mestiço da escola indígena dos tarahumaras tinha apesar de tudo aversão a derramar o sangue indígena. “CIGURI, eu lhe disse, não é uma planta, é um homem do qual subtraíste um membro ao destruir o campo de Peyotl. E sobre esse membro mutilado vermelho, e que canta: verde, branco, lilás, todos querem que prestes contas. E eles o veem.” Eu percebi ao passar por vários vilarejos tarahumaras que um vento de revolta soprava sobre a tribo diante da aparição do membro vermelho. O diretor da escola indígena estava ciente disso, mas hesitava quanto aos meios a empregar para acalmar os índios. – “A única forma, eu lhe disse, é conseguir ganhar seu coração. – Eles nunca te perdoarão por essa destruição, mas mostre-lhes por meio de um ato inverso que não és um inimigo de Deus. Vocês não passam de um punhado aqui e se eles se revoltassem vocês teriam que guerrear, e mesmo com suas armas não poderiam contê-los. – E os Sacerdotes do Ciguri têm esconderijos que vocês nunca poderão penetrar.

“E o que viria a ser do retorno do México à cultura indígena diante de uma guerra civil da qual vocês seriam os responsáveis? – Tens desde já que autorizar essa Festa se quiseres que os tarahumaras fiquem e além disso tens que facilitar a reunião das tribos para que sintam que lhes és favorável.

– É que, quando tomaram Peyotl, eles não nos obedecem mais.

– O Peyotl é como tudo o que é humano. É um princípio magnético e alquímico maravilhoso com a condição de que saibamos tomá-lo, ou seja, nas doses certas e de acordo com uma gradação controlada. E sobretudo com a condição de que não o tomemos fora de época ou sem motivo. – Se após ter tomado Peyotl os índios se tornam loucos é porque abusam dele até atingir o ponto de embriaguez desordenada no qual a alma já não se submete a nada. Desta forma, não é a ti que desobedecem, mas ao próprio *Ciguri*, porque Ciguri é

o Deus da Presciência do Justo, do equilíbrio e do controle de si. – Aquele que bebeu *verdadeiramente* Ciguri, o metro e a medida verdadeira de Ciguri, HOMEM e não FANTASMA indeterminado, sabe como as coisas são feitas e já não pode perder a Razão porque é Deus que está em seus nervos, e é a partir destes que Ele as conduz.

“Mas beber Ciguri é justamente não ultrapassar a dose, porque Ciguri é o Infinito, e o mistério da ação terapêutica dos remédios está ligado à proporção na qual nosso organismo os toma. Ultrapassar o necessário é SAQUEAR a ação.

“Deus, segundo as tradições sacerdotais tarahumaras, desaparece rapidamente quando tomamos demais e é o Espírito Maligno que aparece em seu lugar.

– Amanhã à noite encontrarás com uma família de Sacerdotes do Ciguri, me disse o diretor da escola indígena. – Diga-lhes o que acabas de me dizer e eu tenho a certeza de que conseguiremos mais uma vez e talvez mais do que das últimas vezes fazer com que a absorção do Peyotl seja regulamentada e diga-lhes ainda que essa Festa será autorizada e que vamos fazer todo o nosso possível para lhes dar todos os meios de se reunir e que forneceremos neste intuito os cavalos e os víveres dos quais possam vir a precisar.”

Assim, no dia seguinte à noite, eu fui ao vilarejo indígena onde me haviam dito que o Rito do Peyotl me seria mostrado. – Ele se deu no meio da noite. O Sacerdote chegou com dois servos, um homem e uma mulher, e duas crianças. Ele traçou no chão uma espécie de grande semicírculo dentro do qual aconteceriam as brincadeiras de seus servos e fechou o semicírculo com uma grande viga na qual eu fui autorizado a ficar. À direita, o arco de círculo era delimitado por uma espécie de retiro em forma de 8 que, eu entendi, representava para o Sacerdote o Santo dos Santos. À esquerda, encontrava-se o Vazio: e era lá que estavam as duas crianças. No Santo dos

Santos foi colocado um velho pote de madeira que continha raízes de Peyotl porque os Sacerdotes não dispõem da planta inteira para seus Ritos particulares, ou pelo menos não mais.

O Sacerdote tinha em mãos um cajado e as crianças tinham pequenos bastões. – O Peyotl é tomado após um certo número de movimentos de dança e quando seus adeptos conseguem graças ao exercício religioso do Rito fazer com que Ciguri queira entrar neles.

Eu constatei que os servos estavam com dificuldades para entrar em ação e tive a impressão de que eles não dançariam ou dançariam mal se não soubessem que Ciguri baixaria neles no momento certo. – Porque o Rito de Ciguri é um Rito de criação e que explica como as coisas *são* no vazio, e como o vazio *é* no infinito e como elas saíram dele para a Realidade, e foram feitas. E ele termina no momento em que sob a ordem de Deus elas vieram a Ser em um corpo. – Foi isso que os dois servos dançaram, mas isso só aconteceu depois de uma longa discussão.

– Nós não podemos mais entender Deus sem que antes ele nos tenha tocado a alma e nossa dança não passará de uma careta e o FANTASMA, gritaram, o FANTASMA que persegue CIGURI renascerá novamente aqui.

O Sacerdote demorou a tomar uma decisão, mas no fim ele tirou de seu seio um saquinho e derramou nas mãos dos índios uma espécie de pó branco que eles absorveram imediatamente.

Depois disso eles começaram a dançar. – Ao ver seus rostos após tomarem esse pó de Peyotl eu entendi que eles iam me mostrar algo ao qual eu nunca havia assistido antes. E fiquei atento a fim de não perder nada do que viria a ver.

Os dois servos se curvaram sobre a terra e ficaram um de frente para o outro como duas bolas inanimadas. – Mas o velho Sacerdote também devia ter tomado o pó porque uma expressão desumana se havia apossado dele. – Eu o vi se con-

trair e se erguer. Seus olhos se iluminaram e uma expressão de autoridade insólita começou a emanar dele. – Ele bateu com seu bastão, dando dois ou três golpes surdos no chão, em seguida entrou no 8 que havia traçado à direita do Campo Ritual. Então seus servos pareceram emergir de sua bola inanimada. O homem primeiro balançou a cabeça e bateu no chão com a palma das mãos. A mulher mexeu as costas. – O Sacerdote então cuspiu: não saliva, mas seu sopro. Ele expulsou ruidosamente seu sopro por entre seus dentes. E sob a ação desse abalo pulmonar o homem e a mulher no mesmo instante se animaram e se ergueram completamente. Ora, pela maneira como estavam um de frente para o outro, pela maneira sobretudo como estavam cada um no espaço como se estivessem nos bolsos do vazio e nos cortes do infinito compreendíamos que já não havia mais ali um homem e uma mulher, mas dois princípios: o macho, de boca aberta, suas gengivas estalando, vermelhas, em brasas, sangrentas, e como que rasgadas pelas raízes dos dentes, translúcidas naquele momento, como línguas de mandamentos; a fêmea, larva desdentada, com os molares perfurados pela lima, como uma rata na ratoeira, comprimida em seu próprio cio, fugindo, girando perante o macho hirsuto; e que eles iam se entrechocar, penetrar freneticamente um no outro assim como as coisas, depois de se olharem um tempo e de guerrearem, misturaram-se finalmente diante do olho *indiscreto e culpado* de Deus, que sua ação vai pouco a pouco substituir. “Porque *Ciguri*, dizem, era *O HOMEM*, O HOMEM tal como por SI MESMO, ELE MESMO no espaço *SE construía*, quando Deus o assassinou.”

Foi exatamente isso que aconteceu.

Mas uma coisa acima de tudo me marcou na forma que eles tinham de se ameaçar, de fugir um do outro, de se entrechocar, para finalmente consentir em se unir. É que esses princípios não estavam no corpo, não conseguiam tocar o

corpo, mas ficavam obstinadamente como duas ideias imateriais suspensas fora do Ser, opostas desde sempre a ELE, e que construía por outro lado *seu próprio corpo*, um corpo no qual a ideia de matéria é volatilizada por CIGURI. Ao vê-los me lembrei de tudo o que os poetas, os professores, os artistas de todos os tipos que conheci na Cidade do México haviam me dito sobre a religião e a cultura indígenas e do que eu havia lido em todos os livros que lá me emprestaram sobre as tradições metafísicas dos mexicanos.

– O Espírito Maligno, dizem os Sacerdotes Iniciados do Ciguri, nunca pôde e nunca quis acreditar que Deus não fosse acessivelmente e exclusivamente um Ser, e que houvesse algo mais do que o ser, na essência inescrutável de Deus.

Era, no entanto, isso que essa Dança do Peyotl estava me mostrando.

Porque eu pensei ter visto nessa Dança o ponto onde o inconsciente universal está doente. E que ele está fora de Deus. – O Sacerdote tocava ora seu baço ora seu fígado com a mão direita enquanto com a mão esquerda ele batia no chão com seu cajado. – A cada golpe respondia uma atitude longínqua do homem e da mulher, ora afirmação desesperada e altiva, ora denegação raivosa. Mas após alguns golpes precipitados do Sacerdote, que agora segurava seu cajado com as duas mãos, eles avançaram de maneira rítmica um na direção do outro, de cotovelos afastados e mãos juntas desenhando dois triângulos que se animariam. E ao mesmo tempo os seus pés desenhavam círculos na terra, e algo como os membros de uma letra, um S, um U, um J, um V. Números dentre os quais principalmente a forma do 8. – Uma vez, duas vezes eles não se uniram, mas se cruzaram com uma espécie de saudação. Na terceira vez sua saudação se tornou mais certa. Na quarta eles pegaram as mãos um do outro, giraram um

em volta do outro e os pés do homem pareceram procurar na terra os pontos em que os da mulher haviam batido.

Eles fizeram isso oito vezes. Mas a partir da quarta seus rostos, que haviam adquirido uma expressão viva, não pararam de se irradiar. Na oitava vez eles olharam para o lado do Sacerdote, que assumira posição com um ar de dominação e de ameaça na extremidade do Santo dos Santos, onde as coisas entram em contato com o Norte. E com seu cajado ele desenhou no ar um grande 8. Mas o grito que dele irrompeu na mesma hora possuía o necessário para revolucionar *a gestação de tormentos fúnebres do morto negro pelo seu velho pecado*, como diz o velho poema enterrado dos maias do Iucatã; e eu não me lembro de ter ouvido algo na minha vida que indicasse de maneira mais ressoante e manifesta a que profundezas desce a Vontade humana a fim de erguer sua presciência da noite. – E me pareceu rever no Infinito e como em sonho a maneira com a qual Deus suscitou a Vida. – Esse grito do Sacerdote tinha sido entoado como que para sustentar o traço do cajado no ar. Ao gritar de tal forma o Sacerdote se deslocou e desenhou com todo o seu corpo no ar e com os pés sobre a terra a forma de um mesmo oito, até que, esse oito, ele o completou do lado do Sul.

A dança estava para terminar. As duas crianças, que durante todo esse tempo tinham ficado à esquerda do círculo, perguntaram se podiam ir, e o Sacerdote fez com seu cajado um sinal para que se disseminassem ou desaparecessem. Mas nenhuma das duas havia tomado Peyotl. Elas esboçaram algo que parecia com um gesto de dança depois desistiram e desapareceram como quando voltamos para a casa.

*